

Lopes descarta câmbio centralizado

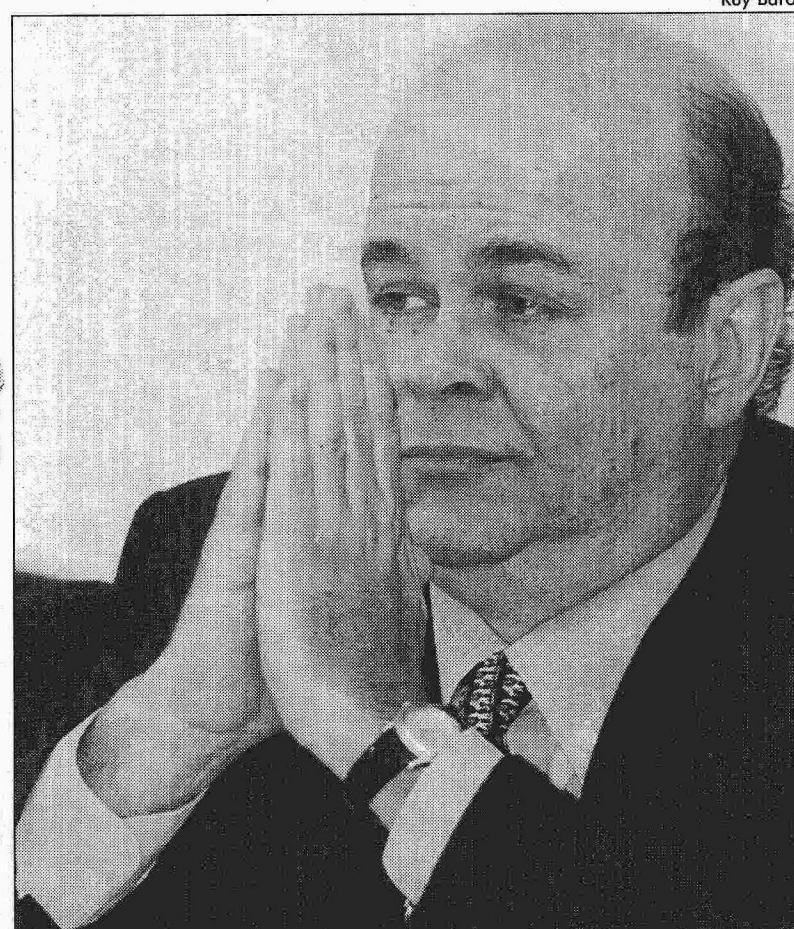
Decisão foi tomada por Fernando Henrique em jantar com Malan e o presidente do BC

Comissão aprova o economista para presidir o Banco

A Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) do Senado aprovou ontem por 23 votos favoráveis e dois contrários, a indicação do economista Francisco Lafayete de Pádua Lopes para presidir o Banco Central (BC). A votação deixou clara a ampla aceitação do atual presidente interino do BC entre os senadores, pois teve um dos maiores percentuais de aprovação na CAE, segundo destacou o presidente da comissão, senador Pedro Piva (PSDB-SP).

Lopes descartou tanto a centralização do câmbio quanto o regime de "currency board" e garantiu a continuidade da flutuação cambial. "A decisão do Governo é o regime de flutuação", afirmou. Lopes revelou que a medida foi decidida pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, durante jantar realizado segunda-feira à noite, do qual participaram o ministro Pedro Malan e o presidente indicado do BC. Na CAE, Lopes pintou um cenário muito favorável ao Brasil, prevendo, por exemplo, que dentro de um ano superávit primário de 2% a 3% do Produto Interno Bruto (PIB) e uma inflação que chamou de "ajustamento de preços".

Segundo Lopes, se em 1999 não ocorrer o ingresso de recursos externos, além dos 20 bilhões



Ruy Baron

FRANCISCO LOPES: promessa de melhoria nas taxas de juros

de dólares já previstos, em 12 meses o País terá reservas cambiais em torno de 50 bilhões de dólares. No momento, as reservas cambiais são de US\$ 27 bilhões. "É natural esperar uma melhoria no balanço de pagamentos e na taxa de juros", disse.

"A inflação de 1999 não é a velha inflação, que virava custo e depois se tornava aumento de preço", previu Francisco Lopes. Para ele, o que está ocorrendo são "mudanças de preços relativos", nas quais os preços de produtos importados sobem e outros preços caem, que representará uma pressão inflacionária de apenas 4% este ano.

"O único risco é propagar", ressaltou Lopes. Mas tranquilizou os senadores: "A inflação não vai voltar a este País. Nós (o Governo) não deixaremos. É

fundamental que o Governo se mantenha firme, com sua política econômica tecnicamente correta". Mas um pouco antes, tinha firmado: "Ledo engano achar que a inflação acabou. A cura da inflação é um processo de muitos anos".

Moratória

O atual diretor de Política Monetária e presidente interino do BC, que ainda depende de uma votação no plenário do Senado para ser confirmado no cargo, descartou com veemência a centralização do câmbio. "Este Governo não fará a centralização cambial, que significa moratória, consiste em melar as regras do jogo. Perderemos crédito se a adotarmos, como já aconteceu antes e passamos 10 anos pagando por isso. É o que

teria consequências nefastas. É um regime de arbitrariedade total", afirmou.

Lopes também descartou o sistema de dolarização parcial adotado pela Argentina - o "currency board" -, que considerou inadequado para o Brasil. "Seria desastroso para nós", ressaltando porém os bons resultados obtidos tanto pela nação vizinha como por Hong Kong, os dois únicos exemplos existentes hoje no mundo. Mas criticou a dolarização total pretendida pelos argentinos: "Se tornaria uma espécie de Panamá".

Para ele, o real forte é o primeiro passo para uma moeda comum no Mercosul. O sistema cambial considerado adequado pelo economista - formado e pós-graduado por Harvard - é o atual. "Devemos flutuar, porque o sistema mais usado no mundo inteiro", defendeu ele.

Simpatias

O depoimento de Francisco Lopes durou quatro horas, mas não suscitou maiores polêmicas. Os senadores, mesmo os dois petistas que votaram contra - José Eduardo Dutra (SE) e Lauro Campos (DF) - revelaram suas simpatias por um dos pais do Plano Cruzado e Real. Os dois dissidentes governistas mais contundentes - Roberto Requião (PMDB-PR) e Jefferson Peres (PSDB-AM) - anunciaram seus votos favoráveis.

Requião, quando assumiu o governo do Paraná, contratou Lopes para consultorias que, segundo o ex-governador, deram ótimos resultados na administração financeira do estado. E Peres, depois de ouvir respostas insatisfatórias para suas perguntas, declarou: "Como eu sei que o presidente do Banco Central não pode dizer tudo o que pensa, porque isso influirá no mercado, vou fingir que estou satisfeito".

SÓCRATES ARANTES

Repórter do Jornal de Brasília